

Revista Eutomia - Ano III - Volume 2 - Dezembro/2010

Linguística, Tradução e Estudos Culturais

Sinara de Oliveira Branco¹ (UFCG)

Resumo:

O objetivo deste artigo é apresentar a contribuição da Linguística para os Estudos da Tradução no contexto atual de trabalho teórico e prático. Tendo os Estudos da Tradução caráter multidisciplinar, será discutida a importância da Linguística, após a virada cultural dos anos 80 e no Século XXI, seguindo a visão de Baker (1999), Fawcett (1997), Nord (1997) e Chesterman (2000). Serão apresentadas duas atividades de tradução no intuito de mostrar como o conhecimento da Linguística e de Estratégias de Tradução contribuem para uma melhor produção tradutória e para uma maior competência linguística do aluno, tanto na área de Línguas Estrangeiras como de Tradução.

Palavras-chave: linguística, tradução, estudos culturais.

Abstract:

The objective of this paper is to present the contribution of Linguistics to Translation Studies in the present theoretical and practical context. Regarding the fact that Translation Studies are a multidiscipline, the importance of Linguistics after the cultural turn in the 1980s and the XXI Century will be discussed, according to Baker (1999), Fawcett (1997), Nord (1997) and Chesterman (1997). Two translation activities will be presented in order to show how the knowledge about Linguistics and Translation Strategies contributes to a better translation production as well as to a higher linguistic competence of students both in Foreign Languages as well as in the Translation Area.

Keywords: linguistics, translation, cultural studies.

Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar a contribuição da Linguística para os Estudos da Tradução no contexto teórico e prático da atualidade. Será apresentada a importância da Linguística, após a virada cultural dos anos 80 e no Século XXI. Primeiramente, será apresentado o posicionamento de Baker (1999), que descreve como a Linguística tem avançado para questões

que vão além da abordagem linguística tradicional, deixando de apenas descrever comparações entre sistemas linguísticos distintos em nível estrutural, passando a observar questões políticas e ideológicas presentes nas línguas e em traduções. Em seguida, serão apresentadas as ideias de Fawcett (1997), que afirma que um tradutor precisa ter, no mínimo, um conhecimento básico de Linguística; caso contrário, desempenhará sua função de forma limitada, pois o fato de se ‘comunicar’ em duas ou mais línguas, segundo o autor, não é suficiente para tornar-se um tradutor. Finalmente, será apresentada a contribuição de Chesterman (1997), que sugere o uso de um grupo de 30 estratégias de tradução, divididas em três categorias – Sintáticas, Semânticas e Pragmáticas –, para auxiliar o tradutor no ato tradutório, auxiliando, também, na investigação de aspectos tradutórios em pesquisas acadêmicas, por exemplo.

Para ilustrar os pontos apresentados acima, duas atividades de tradução serão descritas com o intuito de confirmar a importância da Linguística no contexto atual e, também, a importância do uso de tradução em sala de aula de línguas estrangeiras (LE), com um propósito comunicativo, de acordo com Nord (1997).

1 Linguística e Tradução na Visão de Baker (1999)

Após a ‘virada cultural’ nos anos 80, a linguística aparentemente deixou de ser o foco ou interesse de estudo na área de Estudos da Tradução. Os teóricos da área, a partir de então, passaram a investigar fenômenos relacionados aos Estudos Culturais que, de acordo com Baker (1999, p. 20), apoiada nas visões teóricas de Radcliffe-Brown (1957) e Jenks (1993), “consiste no estudo da estrutura social”. A razão para tal mudança de foco foi o fato da linguística textual que, de acordo com Venuti (1998), trabalha conceitos de equivalência relacionados à classificação de funções textuais, não mais ser considerada suficiente para explicar fenômenos culturais e de dimensão político-social envolvendo as línguas. A partir desse momento, ainda de acordo com Venuti (1998), começou-se a explorar valores e ideologias influenciando a forma como a tradução é vista e produzida.

Entretanto, Baker (1999, p. 18) demonstra sua hesitação em deixar a Linguística radicalmente de lado e afirma que discursos e disciplinas específicas “têm muito a oferecer em determinadas áreas, ao mesmo tempo em que apresentam limitações em outras (a linguística não é uma exceção)”. Baker prossegue afirmando ainda que adotar um único paradigma como resposta para todos os fenômenos tradutórios é ingênuo e perigoso, dificultando o avanço dos Estudos da Tradução. A visão de Baker parece coerente, pois a adoção de uma única explicação sobre um determinado fenômeno (linguístico, cultural, social, etc.) pode limitar a visão sobre

aspectos importantes das línguas em geral. Ao analisar a pesquisa na área de Estudos da Tradução, é possível observar que o pesquisador da área pode investigar fenômenos relacionados à Linguística, bem como a fatores político-econômico-sociais, envolvendo a prática de tradução e o ensino de LE, tendo em mente que uma linha teórica (Linguística ou Estudos Culturais, por exemplo) não necessariamente exclui a outra, podendo ainda trabalhar com outras disciplinas, por exemplo, Psicologia, Filosofia, Direito, Tecnologia, Literatura, Cinema e Legendagem, etc.

Após apresentar tais argumentos, Baker (*ibid.*) questiona se “a linguística realmente ignora os aspectos ideológicos envolvidos na tradução, permanecendo presa a análises puramente estruturais e a noções ultrapassadas de equivalência” (p. 24). A própria autora responde que essa ideia é equivocada, pois a Linguística e os Estudos da Tradução têm avançado grandiosamente nos últimos anos, sem ignorar questões ideológicas relacionadas à língua e à tradução. Mais uma vez, o ponto de vista de Baker é coerente, pois, no caso da autora deste artigo, mesmo tendo interesse em questões ideológicas e de relações de poder entre as línguas, por exemplo, a importância e relevância de aspectos linguísticos em investigações na área de Estudos da Tradução não são ignoradas. É nesse contexto que Baker (*ibid.*) lança mão da Linguística Crítica que, segundo a autora, apresenta uma “tendência crescente a estudar a ideologia e as relações de poder na tradução por meio de análise linguística” (p. 26), diferenciando a forma de tratamento dado à ideologia:

O tratamento dado à ideologia pela linguística crítica é bastante diferente daquele observado no âmbito dos estudos culturais (pelo menos naqueles aplicados à tradução). A ideologia não é necessariamente vista pela linguística crítica como um conjunto de ideias que são falsas ou politicamente indesejáveis. A definição do conceito é, nesse contexto, mais neutra, além de mais relacionada às diversas maneiras como as pessoas organizam e justificam suas vidas. (BAKER, 1999, p. 27).

Baker demonstra que o tratamento dado à ideologia na visão da Linguística não é de ‘separar’ o certo do errado, mas de descrever como diferentes grupos, categorias e classes buscam sobrevivência. A partir dessas ideias, a sugestão de Baker (*ibid.*) é que a Linguística e os Estudos Culturais não sejam colocados em posições antagônicas, mas que sejam trabalhados em conjunto, uma vez que uma das virtudes dos Estudos Culturais é “ampliar os horizontes dos tradutores, incentivando-os a considerar outros fatores além da tarefa imediata de verter um texto de um idioma para outro” (p. 29).

A seguir, também oferecendo um olhar atual ao suporte linguístico para a tradução, as ideias de Fawcett serão apresentadas.

2 Linguística e Tradução na Visão de Fawcett (1997)

Em seu livro *Translation and Language: Linguistic Theories Explained*, Fawcett (1997, p. 02) apresenta o que ele chama “de relação amor/ódio” entre a Linguística e a Tradução, explicando que a relação da Linguística com os Estudos da Tradução pode seguir duas linhas: i) a aplicação de descobertas linguísticas à prática de tradução; e/ou ii) o uso de uma teoria de tradução linguística em oposição a uma teoria de tradução literária, econômica ou psicológica, por exemplo, mostrando uma linha de raciocínio semelhante a de Baker acima. Fawcett (*ibid.*) sugere que uma ramificação da Linguística, como a Sociolinguística, por exemplo, pode mostrar a forma como a(s) língua(s) varia(m) de acordo com o status social, a idade, o gênero etc. Reconhecendo variações desse tipo, é possível descrevê-las e decidir como lidar com diferenças sociolinguísticas ao traduzir.

Além da sugestão acima, Fawcett faz uma descrição da *Langue/Parole*, segundo Saussure (1857-1913), definindo a língua (*langue*) como um grupo estruturado de sistemas abstratos, e a fala (*parole*), por sua vez, como o uso da língua, sendo a *parole* de maior interesse para o tipo de tradução que é apresentada aqui e que é defendida pelos teóricos selecionados. Em outras palavras, a tradução é tratada nesse contexto como um fenômeno comunicativo, lidando com mensagens ou textos, e não com estruturas fixas, orientadas pela *langue*, que trabalha com estudos comparativos, descrevendo dois sistemas linguísticos. A tradução é vista relacionada à fala, não havendo ‘a única’ tradução ‘correta’ para uma mensagem, mas como “uma operação comunicativa que garante identidade de fala através de diferenças de língua” (LADMIRAL, 1979, p. 223). É nesse ponto que a Sociolinguística parece ter maior relevância, pois, ao traduzir, é necessário que fatores sócio-culturais sejam levados em conta, bem como o propósito da tradução para um público específico. Fawcett (*ibid.*, p. 09) afirma que a Sociolinguística é “o estudo da linguagem em relação à idade, classe social, região, status”, começando a se afastar da Linguística Estrutural, pois começa a trabalhar a partir do uso da língua até o conhecimento e experiência do mundo real. Para lidar com tais fatores, a Linguística busca o apoio de outras disciplinas justamente na área que engloba a semântica e a pragmática, sendo a pragmática, segundo Fawcett (*ibid.*, p. 09), “aquilo que fazemos com a língua, aquilo que conquistamos ao falar e escrever”, e a semântica “o estudo do significado”.

Como Baker (ver Item 1 acima), Fawcett (*ibid.*, p. 19) afirma que a “desilusão” dos teóricos da tradução e tradutores com relação à Linguística teve início pela recusa da Linguística Estrutural dar atenção ao significado em termos semânticos; pelo fato “dele estar localizado na ‘caixa preta’ da mente, inacessível ao estudo científico”. A Linguística resolveu a questão com a

modelagem do significado no nível da palavra e da frase, estudando, por exemplo, conotação, denotação, pressuposição, vinculação linguística.

Seguindo esse raciocínio, é apresentada, a seguir, uma proposta para utilizar atividades envolvendo tradução no ensino de línguas estrangeiras, mais especificamente o inglês, com o objetivo de mostrar como as línguas funcionam e para que o aluno passe: i) a ter melhor compreensão de fenômenos linguísticos, a partir de um trabalho de contraste entre o par linguístico português/inglês; ii) a entender onde ou em que nível (linguístico, cultural, social, etc.) as línguas se parecem, bem como suas particularidades, não considerando tais diferenças como ‘bom’ ou ‘ruim’, como ‘certo’ ou ‘errado’, como ‘bonito’ ou ‘feio’, em termos de estruturação, pronúncia, ideologia, cultura etc. Para alcançar tal objetivo, é utilizado um exemplo conotativo apresentado por Fawcett (1997, p. 24), que diz respeito à forma ocidental de enxergar o fundamentalismo islâmico comparado à forma do Islam enxergar-se, sem maiores problematizações. Na visão ocidental, o termo ‘fundamentalismo’ passa a ideia de fanatismo, terrorismo, extremismo; já o islamita interpreta o termo enxergando a atitude do mártir, o ato de sacrifício por sua crença e religião. É acrescentado aqui um exemplo relacionado ao modo como o ocidental trata o cachorro, por exemplo, como um animal de estimação, enquanto na Coreia, o cachorro é um alimento, tratado com crueldade. A partir da contribuição de Fawcett e dos exemplos acima, segue-se a visão do autor de que o significado a ser transferido no processo tradutório será decidido, muitas vezes, pela situação, pelo contexto e pela visão do leitor, e não simplesmente pelo significado descontextualizado do dicionário, por exemplo. A transferência quase sempre envolverá algum tipo de perda ou mudança.

A seguir, é apresentada a Abordagem Funcionalista de Nord (1997) sobre tradução, no intuito de justificar a visão apresentada neste artigo sobre Linguística e sobre a forma como a tradução é abordada nas atividades de tradução sugeridas.

3 A Abordagem Funcionalista de Nord (1997)

A Abordagem Funcionalista da Tradução tem foco na atividade de tradução direcionada ao leitor, levando em consideração este leitor, a função do texto traduzido e o contexto em que o leitor e o texto estão inseridos. Essa teoria apresenta a ideia de que o texto traduzido será produzido dependendo de um propósito que pode variar de acordo com a cultura da língua-alvo e do público que lerá o texto traduzido. Nessa abordagem, o texto original deixa de ser a única fonte de informação para a produção do texto traduzido, pois a tradução funcionalista prioriza o

objetivo da tradução, considerando-a uma recriação, e não apenas uma cópia ou transposição linguística do texto original.

Nord (1997) segue a proposta de Reiss (1977), que desenvolveu um modelo de crítica tradutória baseada no conceito de equivalência linguística entre duas línguas e na relação entre texto-fonte e texto-alvo. Entretanto, é importante ressaltar que Reiss tinha consciência de que há situações em que a equivalência não é possível, ou sequer desejada. Essas situações são nomeadas por Reiss como ‘exceções’, e uma dessas exceções surge quando a intenção do texto traduzido difere do propósito do original. É nesse ponto que Nord (1997) desenvolve a Abordagem Funcionalista, sugerindo que um texto traduzido não necessariamente terá o mesmo propósito do texto original.

A visão funcionalista enxerga a atividade de tradução como interação. Tal atividade pode ser vista como uma ponte que conecta duas pessoas separadas pela barreira linguística e/ou cultural. Os tradutores possibilitam a comunicação entre membros de culturas distintas, transmitindo conhecimento e proporcionando comunicação. Dessa maneira, levando em consideração o ambiente observado, o contexto, os leitores, o propósito da atividade de tradução e a função primordial de comunicar idéias e transmitir conhecimentos, a Abordagem Funcionalista tem forte influência na visão e forma como a tradução é tratada aqui e servirá de guia para o trabalho em sala de aula com tradução, seja em contexto de ensino de LE ou em contexto de ensino de tradução.

A seguir, são apresentadas as estratégias de tradução de Chesterman (1997), que engloba os três níveis linguísticos (Sintático, Semântico e Pragmático) para o estudo da tradução.

4 As Estratégias de Tradução de Chesterman (1997)

Na área de Estudos da Tradução, Chesterman (1997) afirma que significados não são mais vistos de acordo com uma visão tradicional e convencional, como sendo algo objetivo, estável, que ‘existe exteriormente’ ou fora de um contexto específico. Nesse ponto, o autor já demonstra estar de acordo com as posições de Baker e Fawcett apresentadas acima. Os significados em contexto de tradução são, na verdade, mutáveis, apresentam deslizos, nunca são originais; são sempre relativos. Esta afirmação ilumina a visão da tradução lançada aqui: uma visão funcional, descritiva, que vai além da estrutura, significado e propósito imediatos do texto original, sem foco em estruturas linguísticas.

Chesterman (1997) aponta duas classes de estratégias como sendo principais: ‘estratégias de redução’, que mudam ou reduzem a mensagem de alguma forma, e ‘estratégias de realização’,

que buscam preservar a mensagem mudando o meio, tal como o uso de paráfrase, aproximação, reestruturação, etc. O autor parece favorecer um tipo de tradução que oferece maior liberdade para o tradutor produzir seu trabalho, reduzindo informações ou utilizando outra estratégia (parafraseando, reestruturando, etc.) para chegar a um texto-alvo que comunique a mensagem de maneira satisfatória. A seguir, apresentamos a definição de Chesterman para estratégias de tradução utilizada neste artigo e, em sequência, a taxonomia de estratégias de tradução do autor (*ibid.*, p. 92), dividida em três grupos.

Estratégia é um processo que oferece uma solução para um problema de tradução através de manipulação textual explícita.

Quadro 1. Definição de estratégia, segundo Chesterman (1997).

Estratégias Sintáticas	
G1: Tradução Literal	O mais próximo possível da estrutura gramatical do texto de origem.
G2: Empréstimo, Calque	Escolha deliberada e consciente.
G3: Transposição	Qualquer mudança de classe de palavra, de substantivo para verbo; de adjetivo para advérbio.
G4: Deslocamento de Unidade	Uma unidade do texto de origem (morfema, palavra, frase, oração, sentença, parágrafo) traduzida como uma unidade diferente no texto de chegada.
G5: Mudança Estrutural da Frase	Uma série de mudanças no nível da frase, incluindo número, exatidão e modificação na oração substantiva, pessoa, tempo e modo verbal.
G6: Mudança Estrutural da Oração	Mudanças na estrutura da oração em si tratando de suas frases constituintes.
G7: Mudança Estrutural de Período	Relacionada à estrutura da unidade da sentença.
G8: Mudança de Coesão	Relacionada à referência intratextual, elipse, substituição, pronominalização e repetição; ou o uso de conectores de vários tipos.
G9: Deslocamento de Nível	O modo de expressão de um determinado item muda de um nível (fonológico, morfológico, sintático e lexical) para outro.
G10: Mudança de Esquema	Tipos de mudanças que tradutores incorporam na tradução de esquemas retóricos, tais como paralelismo, repetição, aliteração, ritmo, métrica, etc.
Estratégias Semânticas	
S1: Sinonímia	Seleciona não o equivalente óbvio, mas um sinônimo ou um termo ‘quase-sinônimo’.
S2: Antonímia	O tradutor seleciona um antônimo e combina com um elemento de negação.
S3: Hiponímia	Mudanças na relação hiponímica.
S4: Conversão	Pares de estruturas (geralmente) verbais que expressam a mesma ideia, mas de pontos de vista opostos, tal como ‘comprar’ e ‘vender’.

S5: Mudança de Abstração	Uma seleção de nível de abstração diferente, podendo variar de abstrato para mais concreto ou de concreto para mais abstrato.
S6: Mudança de Distribuição	Mudança na distribuição dos ‘mesmos’ componentes semânticos para mais itens (expansão) ou menos itens (compressão).
S7: Mudança de Ênfase	Acrescenta, reduz ou altera ênfase ou foco temático, por uma razão qualquer.
S8: Paráfrase	Resulta em uma versão do texto de chegada que pode ser descrita como distante do texto de origem; em alguns casos até sem tradução. Componentes semânticos no nível do lexema tendem a ser ignorados, favorecendo a idéia pragmática de alguma outra unidade, como por exemplo, uma oração inteira.
S9: Mudança de Tropos	Tradução de tropos retóricos (ex. expressões figurativas).
S10: Outras Mudanças Semânticas	Incluindo outras modulações de vários tipos, tais como a mudança de sentido (físico) ou direção dêitica.
Estratégias Pragmáticas	
Pr1: Filtro Cultural	“tratada também como naturalização, domesticação ou adaptação.”
Pr2: Mudança de Explicitação	“mais direcionada à informação explícita, ou mais direcionada à informação implícita.”
Pr3: Mudança de Informação	“adição de nova informação considerada relevante ao texto de chegada, mas que não está presente no texto original; ou a omissão de informações presentes no texto original consideradas irrelevantes.”
Pr4: Mudança Interpessoal	“altera o nível de formalidade, o grau de emotividade e envolvimento, o nível de léxico técnico e assim por diante: o que quer que envolva mudança na relação entre texto/autor e o leitor.”
Pr5: Mudança de Elocução	“ligada a outras estratégias: Mudança do modo verbal do indicativo para o imperativo, mudança de afirmação para pedido.”
Pr6: Mudança de Coerência	“organização lógica da informação no texto, no nível ideacional.”
Pr7: Tradução Parcial	“qualquer tipo de tradução parcial, tais como tradução resumida, transcrição, tradução apenas de sons e assim por diante.”
Pr8: Mudança de Visibilidade	“mudança na presença de autoria; ou a inclusão evidente ou em primeiro plano da presença tradutória. Por exemplo, notas de rodapé do tradutor, comentários entre chaves; ou comentários adicionais explícitos.”
Pr9: Reedição	“a reedição às vezes radical que tradutores precisam fazer com relação a textos originais mal escritos.”
Pr10: Outras Mudanças Pragmáticas	Mudanças no <i>layout</i> do texto, por exemplo; ou na escolha dialetal.

Quadro 2: Estratégias de Tradução de Chesterman (1997).

É importante realçar que Chesterman utiliza uma ordem crescente de estratégias, sendo as primeiras relacionadas às menores representações linguísticas, como a palavra, por exemplo, e as maiores, sendo mais generalistas, buscando englobar idéias gerais. Como Chesterman utiliza a divisão de sua taxonomia em estratégias sintáticas, semânticas e pragmáticas, o autor utiliza as

abreviações ‘G’ para as estratégias sintáticas, que estão mais próximas do nível estrutural das línguas (gramática); ‘S’ para as estratégias Semânticas; e ‘Pr’ para as estratégias Pragmáticas.

Seguindo as ideias apresentadas de cada autor, propomos a utilização de atividades que apliquem estes conceitos, juntamente com as categorias de tradução de Jakobson (1958/2000, p. 114), a saber:

1. Intralingual: interpretação de signos verbais através de outros signos da mesma língua.
2. Interlingual: interpretação de signos verbais através de outra língua.
3. Intersemiótica: tradução ou ‘transmutação’ – interpretação de signos verbais através de sistemas de signos não-verbais (*In*: VENUTI, 2000, p. 114).

Jakobson apresenta uma proposta de categorias de tradução que vão além da tradução de textos verbais de uma língua para outra, sugerindo a prática de tradução dentro da mesma língua, com uso de paráfrase, por exemplo. A utilização de figuras e expressões faciais são possibilidades de tradução intersemiótica. Já a tradução entre línguas pode ocorrer em situações e atividades específicas, sem causar prejuízo ao desenvolvimento da aula ou à assimilação da língua estrangeira por parte do aluno, desde que bem preparada e com objetivos definidos, tanto para o professor quanto para os alunos. A seguir, são apresentadas duas atividades envolvendo a tradução, considerando aspectos linguísticos e funcionais, de acordo com a visão dos autores aqui discutidos.

5 Proposta de Atividades de Tradução

O uso da tradução no ensino de línguas estrangeiras é um campo de interesse nos Estudos da Tradução, devido ao fato de haver a necessidade de se investigar como a tradução pode contribuir para a aquisição e aprendizado da língua estudada. A experiência como professora não-nativa de língua inglesa e a prática na área da tradução foram algumas das razões que inspiraram o desenvolvimento deste trabalho. É comum observar alunos criando textos e discursos orais de língua inglesa utilizando, de forma equivocada, estruturas de língua materna, tornando a comunicação difícil ou incompreensível, pois tais alunos ainda não apresentam competência linguística suficiente de língua inglesa para utilizar tal língua estrangeira.

No início do aprendizado de LE, é comum que os alunos recorram à língua materna – aqui chamada de tradução interlingual, segundo Jakobson (1958/2000) – e haja a influência da mesma (considerada interferência negativa por professores em geral) no contexto de LE. Entretanto, essa influência pode ser aproveitada para apresentarmos particularidades das línguas materna e estrangeira, utilizando as categorias de tradução de Jakobson (1958/2000) e questões

da Linguística Crítica apresentadas acima. No decorrer de seu estudo e prática, o aluno perceberá que não é possível haver equivalência total entre as línguas envolvidas no processo de aprendizagem e passará a utilizar a língua estrangeira com mais eficiência e segurança nos quatro níveis trabalhados (leitura, escrita, escuta e fala). Neste contexto, busca-se transformar a interferência, considerada, a princípio, negativa em positiva. Segue a descrição das atividades.

5.1 Descrição de Atividade com Música e Artigo Jornalístico

A atividade envolve as quatro habilidades e pode ser aplicada em turmas de aprendizado de LE – no caso, inglês – a partir do nível intermediário. A preparação da atividade envolve a seleção de música, podendo-se optar pelo uso de um estilo atual – o *rap*, por exemplo. Esse ritmo musical surgiu no final do Século XX, nas comunidades negras dos Estados Unidos, e trabalha uma batida rítmica acompanhada de letra que geralmente aborda tema relacionado à violência e ao preconceito (de raça, cor, sexo, classe social, etc.). É um estilo que favorece o trabalho voltado a algum aspecto dos Estudos Culturais, por exemplo. Por ser um estilo rápido, quase que falado e com linguagem não normativa, é difícil acompanhar ou entender tal linguagem. Apesar desses aparentes obstáculos, trabalhar com um grupo que já possua certo domínio linguístico em LE (inglês) favorece a compreensão e discussão do tema abordado na música. Como sugestão, apresenta-se aqui o mais recente sucesso do *rapper* Eminem, acompanhado de Rihanna, ambos sendo cantores de fama internacional. A música se chama *Love the way you lie* e trata de um casal que vive conflitos na relação, que geram violência doméstica e constantes ameaças por parte do homem. Esse tema chama a atenção devido a recentes casos divulgados na mídia brasileira envolvendo pessoas famosas que foram vítimas ou agressores nesse tipo de caso. A seleção da música, cantada por um *rapper* branco e por uma cantora negra, que foi recentemente vítima de violência doméstica cometida pelo namorado, também famoso cantor, é acompanhada de uma crítica jornalística sobre a música, debatendo o tema e descrevendo a mente doentia do agressor representado na música (ver Anexo). Além disso, o fato do jornalista apresentar, ao final do artigo, números telefônicos e *links* não apenas para auxílio à mulher agredida, mas também ao agressor ou ao homem vítima de violência doméstica chama a atenção. A seleção da música e texto segue uma sequência de atividades para uma aula de 2 horas de duração.

Como o grupo deve ser de nível pelo menos intermediário, a aula deve utilizar a LE (inglês) para comunicação oral e escrita. Deve-se conversar a respeito do estilo musical, do perfil dos cantores e do tema abordado na música, com o intuito de facilitar a compreensão e de estimular o interesse na atividade. Pode-se ainda apresentar o videoclipe da música e escutá-la

tendo a letra inteira para acompanhar. De fato, como o ritmo é rápido e a letra possui vocabulário específico, pode-se fazer uma leitura prévia para verificação de vocabulário. Nesses momentos de interação, já surge a oportunidade de praticar a fala, a leitura e a escuta com os alunos e, em cada um desses passos, é possível trabalhar a tradução nas três categorias sugeridas por Jakobson: a tradução intralingual é utilizada ao explicar a letra da música, também utilizando tradução intersemiótica, através de gestos, do videoclipe, de exemplos concretos em sala de aula e remetendo ao contexto que vivemos na atualidade e transmitido pela mídia. Em alguns momentos, também é possível utilizar a tradução interlingual. Entretanto, pelo fato dos alunos já apresentarem certa competência linguística, provavelmente não será necessário recorrer tantas vezes à tradução interlingual.

O trabalho é semelhante com a leitura do artigo sobre a música. Como os alunos já estarão envolvidos com o assunto tratado e conhecem o tema 'violência', lerão o artigo de forma rápida e é aconselhável apresentar um glossário (inglês/inglês) para esclarecimento de dúvidas – mais uma vez, uso de tradução intralingual. Após a leitura, há uma breve discussão sobre a opinião do jornalista e é iniciada a apresentação de opinião individual, sendo contextualizada com a realidade e justificando tais opiniões com trechos do artigo ou da música. Nesse momento, há uso de tradução interlingual cada vez que um aluno tentar expressar algo e sinta dificuldades. Nesse caso, os demais alunos podem colaborar, não sendo a atividade tradutória imposta pelo professor ou ficando, necessariamente, sob responsabilidade do professor. Todos participam e, finalmente, é solicitado que os alunos escrevam um texto sobre o tema 'violência doméstica', sendo essa a atividade que envolve a habilidade escrita.

5.2 Descrição da Atividade de Tradução de um Conto de Fadas

A atividade pode ser desenvolvida em disciplina de Teoria e Prática da Tradução, por exemplo, e deve estar relacionada à teoria trabalhada no curso (*Polysystem Theory, Shifts, Translation Strategies*, etc.) envolvendo não apenas questões linguísticas, mas também literárias. É uma atividade que pode ser solicitada para o final do semestre, tendo início com a leitura sobre como o conto de fadas é trabalhado em diferentes contextos culturais e como esse gênero vai sendo adaptado para cada cultura e propósito de leitura. Pode escolher *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, apresentando o texto em inglês, baseado nos contos de Charles Perrault (1628-1703) e dos Irmãos Grimm (1785-1863). Antes da leitura do conto, é importante que os alunos leiam a respeito dos autores e de como a narrativa é construída dentro do contexto francês e alemão, respectivamente. A partir dessa leitura, faz-se a discussão sobre como o conto foi sendo

transformado para o contexto brasileiro e quais teorias e estratégias de tradução podem ser identificadas na construção da narrativa em português brasileiro. É importante discutir questões que envolvam teorias mais voltadas à literatura; entretanto, como o foco do trabalho aqui apresentado é a questão linguística, também devem ser discutidos aspectos linguísticos, utilizando as estratégias de tradução de Chesterman (1997), aspectos sobre a Abordagem Funcionalista da Tradução, além da visão de Fawcett (1997), que mostra a necessidade de se adquirir competência tradutória através da formação do tradutor, que inclui o uso de abordagens linguísticas variadas.

Após as discussões e trabalho teórico, é solicitado que os alunos, em pequenos grupos, produzam uma adaptação do conto *Chapeuzinho Vermelho* para o contexto do nordeste do Brasil, e pode ser sugerido que eles utilizem qualquer uma das culturas específicas do nordeste brasileiro como cenário. Além disso, os alunos devem ser informados de que devem apresentar um prefácio explicando: i) o contexto e escolhas para a adaptação; ii) escolhas de linguagem e quaisquer outros detalhes que considerem relevantes; além iii) da referência bibliográfica de suas pesquisas sobre os autores e contos. Pode ser solicitado, ainda, que utilizem ilustrações e recursos tradutórios, como notas de rodapé, por exemplo.

Com esse tipo de trabalho, é possível observar o uso das categorias de tradução de Jakobson nas explicações fornecidas através de notas de rodapé e ilustrações e de adaptações feitas, levando em conta questões sociolingüísticas e culturais.

Conclusão

O objetivo deste artigo de apresentar a contribuição da Linguística para os Estudos da Tradução no contexto teórico e prático da atualidade foi alcançado, não apenas através da discussão baseada nos autores selecionados, mas também através das atividades de tradução sugeridas. Tais atividades mostram como o contexto e o leitor influenciam na construção e interpretação de gêneros textuais variados e tanto a língua materna quanto a língua inglesa, par linguístico em foco aqui, podem ser trabalhadas e discutidas em sala de aula. Com este trabalho, procurou-se também comprovar que, para um bom desenvolvimento da competência linguística em LE ou da competência tradutória, é fundamental o trabalho paralelo com a língua materna. No caso das atividades apresentadas aqui, o desenvolvimento linguístico e tradutório podem acontecer de maneira satisfatória.

Através desse tipo de abordagem, os alunos passam a ter mais segurança ao utilizar a LE e ao traduzir, refletem mais a respeito de suas opções tradutórias e analisam aspectos referentes ao par linguístico em questão. Além disso, os alunos passam a demonstrar maior consciência da

importância de levar em consideração: i) o leitor do texto traduzido; ii) aspectos sociolinguísticos; iii) as estratégias de tradução; e iv) a língua materna. Fica, portanto, demonstrada a importância da Linguística para a tradução na atualidade, bem como sua função comunicativa e sociolinguística no trabalho com pares linguísticos em tradução.

Anexos

Music: Rihanna and Eminem, Love the Way You Lie (Review)

Last Updated on Wednesday, 25 August 2010 16:44 Wednesday, 18 August 2010 09:02
Written by Elly Badcock and Jo Gough

Eminem and Rihanna's recent chart-topper, *Love the Way You Lie*, tackles the painful and prominent issue of domestic violence without resorting to shallow stereotypes. The song follows the story of a violent relationship, narrated by the abuser. We are privy to the twists and turns in logic that run through the abuser's mind as he attempts to justify his behaviour – "but your temper's just as bad as mine is", he pleads.

Interestingly though, we also glimpse the moments of clarity – the shame and the galling realisation of what it means to be a woman-beater. And it is this that makes *Love the Way You Lie* both fascinating and instinctively repulsive – this is not the ramblings of a deluded maniac but of a troubled man struggling to draw lines between love, fear, hate and anger.

Rihanna is noticeably absent for the majority of this track, coming in only for the chorus: "Just gonna stand there and watch me burn; well that's alright, because I love the way it hurts.

Just gonna stand there and hear me cry, well that's all right because I love the way you lie." This is, to say the least, uncomfortable – a song about domestic violence in which the only female voice is reduced to painfully affirming, over and over, how much she loves the beatings.

This has led to commentary that it glorifies domestic violence and makes it acceptable. Indeed, the video (directed by Joseph Kahn and starring Dominic Monaghan and Megan Fox) begins with the woman hitting the man, and throughout there is an interplay between sexual passion and violence, which could be seen to be promoting the idea that the victim 'provokes' or in fact enjoys the violence.

This is where the role of Rihanna is key. The photo of her horrific domestic violence was shown throughout the world. She asserts it happened to her; she did not cause it. Initially she went back to her perpetrator, but then left him because, "When I realized that my selfish decision for love could result into some young girl getting killed, I could not be easy with that".

The idea of the loving relationship is why so many victims return, and through the chorus repeating that she loves the hurt and lies it highlights the psychological hold within violent relationships. Love is used as a reason for both the violence and for staying

together.

There is a quiet strength to Rihanna's singing, and coupled with the ironic undertone of the lyrics, the chorus could also be reaching out to perpetrators. Of course the woman doesn't love it, and no matter how much he excuses or gets her to excuse the violence, it is not justified.

From 3.13 in the video there appears to be a point of no return; it only takes a look from the man to stop the woman leaving, and Eminem's lyrics push through his excuses and show his acceptance of his violence and power, culminating in the lyrics, 'I know I'm a liar, if she ever tries to f**kin' leave again, I'ma tie her to the bed and set this house on fire'. Rihanna's soulful chorus chimes in straight after, and we know the fate of the relationship. The video ends with Eminem and Rihanna looking at the burning house, and then a repeat of the first clip of the couple lying in bed. This both emphasises the cycle of abuse and the need to leave the relationship at the point where it becomes abusive.

The song and video leaves you with a haunting insight into the cycle of domestic violence and where it can end up- and gives the message to leave the situation before it is too late. The song's message is for both the victim and perpetrator, sung by a victim and perpetrator who are no longer in abusive relationships. It sends out the message that there is a way out.

Rihanna was able to leave her situation because the abuse was in the spotlight and she had the financial means to physically get away. The court took it further than she wanted because it was such a high profile case- and even then Chris Brown felt he'd been let off easy due to his status. Recently a TV executive got only 18 months for killing his wife, after an argument over a joint of beef, because the judge deemed it a 'tragic accident'. For victims to feel able to leave and be safe and for perpetrators to get appropriate help, domestic abuse services and just prosecution are essential.

One in four women and one in six men in the UK will be the victims of domestic violence during their lifetime. Two women a week are killed by a current or former male partner. To get advice on or help with domestic abuse you can:

talk to your doctor, health visitor or midwife
call 0808 2000 247, the 24-hour National Domestic Violence Helpline
run by Women's Aid and Refuge (calls from a landline are free)
call 0808 801 0327 for the Men's advice line

call Respect on 0845 1228609 (www.respect.uk.net) - advice and
information for male perpetrators of domestic violence.
call the Mankind Initiative on 01823 334244 (www.mankind.org.uk)
treatment for female perpetrators of domestic violence.

Elly Badcock is a member of the NUS Women's Committee.

Jo Gough is a learning mentor for vulnerable children.

Source: <http://www.counterfire.org/index.php/features/111-music/6308-rihanna-and-eminem-love-the-way-you-lie-review>, accessed on September 08th, 2010.

Love the Way You Lie (Eminem feat. Rihanna)

[Rihanna]
Just gonna stand there
And watch me burn
But that's alright
Because I like
The way it hurts
Just gonna stand there
And hear me cry
But that's alright
Because I love
The way you lie
I love the way you lie
I love the way you lie
[Eminem]
I can't tell you what it really is
I can only tell you what it feels like
And right now there's a steel knife
In my windpipe
I can't breathe
But I still fight
While I can fight
As long as the wrong feels right
It's like I'm in flight
High of the love
Drunk from my hate
It's like I'm huffing paint
And I love it the more that I suffer
I suffocate
And right before I'm
About to drown
She resuscitates me
She fucking hates me
And I love it
Wait
Where you going
I'm leaving you
No you ain't
Come back
We're running right back
Here we go again
It's so insane
Cause when it's going good
It's going great
I'm Superman
With the wind at his back
She's Lois Lane
But when it's bad
It's awful
I feel so ashamed
I snap
Who's that dude

I don't even know his name
I laid hands on him
I'll never stoop so low again
I guess I don't know my own strength
[Rihanna]
Just gonna stand there
And watch me burn
But that's alright
Because I like
The way it hurts
Just gonna stand there
And hear me cry
But that's alright
Because I love
The way you lie
I love the way you lie
I love the way you lie
[Eminem]
You ever love somebody so much
You can barely breathe
When you're with them
You meet
And neither one of you
Even know what hit 'em
Got that warm fuzzy feeling
Yeah them chills
Used to get 'em
Now you're getting fucking sick
Of looking at 'em
You swore you've never hit 'em
Never do nothing to hurt 'em
Now you're in each other's face
Spewing venom
And these words
When you spit 'em
You push
Pull each other's hair
Scratch, claw, bit 'em
Throw 'em down
Pin 'em
So lost in the moments
When you're in 'em
It's the craze that the corporate
Controls you both
So they say it's best
To go your separate ways
Guess that they don't know ya
Cause today
That was yesterday
Yesterday is over
It's a different day

Sound like broken records
Playin' over
But you promised her
Next time you'll show restraint
You don't get another chance
Life is no Nintendo game
But you lied again
Now you get to watch her leave
Out the window
Guess that's why they call it window
pane

[Rihanna]

Just gonna stand there
And watch me burn
But that's alright
Because I like
The way it hurts
Just gonna stand there
And hear me cry
But that's alright
Because I love
The way you lie
I love the way you lie
I love the way you lie

[Eminem]

Now I know we said things
Did things
That we didn't mean
And we fall back
Into the same patterns
Same routine
But your temper's just as bad
As mine is
You're the same as me
But when it comes to love
You're just as blinded
Baby please come back
It wasn't you
Baby it was me
Maybe our relationship
Isn't as crazy as it seems
Maybe that's what happens
When a tornado meets a volcano
All I know is
I love you too much
To walk away though
Come inside
Pick up your bags off the sidewalk
Don't you hear sincerity
In my voice when I talk
Told you this is my fault

Look me in the eyeball
Next time I'm pissed
I'll aim my fist
At the dry wall
Next time
There will be no next time
I apologize
Even though I know it's lies
I'm tired of the games
I just want her back
I know I'm a liar
If she ever tries to fucking leave again
I'mma tie her to the bed
And set the house on fire
[Rihanna]
Just gonna stand there
And watch me burn
But that's alright
Because I like
The way it hurts
Just gonna stand there
And hear me cry
But that's alright
Because I love
The way you lie
I love the way you lie
I love the way you lie

Referências Bibliográficas

BAKER, Mona. *Linguística e Estudos Culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos Estudos da Tradução?* Em: MARTINS, M. A. P. (ed.). *Tradução e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucerna. 1999, p. 15-34.

CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation: the spread of ideas in Translation Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

FAWCETT, Peter. *Translation and Language: linguistic theories explained*. UK: St. Jerome. 1997.

JAKOBSON, Roman. *On linguistic aspects of translation*. Em: VENUTI, Lawrence. (ed.). *The Translation Studies Reader*. London & New York: Routledge, 1958/2000, pp. 113-118.

LADMIRAL, Jean-René. *Traduire: theorems pour la traduction*. Paris: Payot. 1979.

NORD, Christiane. *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome. 1997.

VENUTI, Lawrence. *The Scandals of Translation: towards an ethics of difference*. London/New York: Routledge. 1998.

Endereços eletrônicos para a música e artigo:

Rihanna and Eminem, Love the Way You Lie (Review).
<http://www.counterfire.org/index.php/features/111-music/6308-rihanna-and-eminem-love-the-way-you-lie-review>, acessado em 08 de setembro de 2010.

Love the way you lie. <http://letras.terra.com.br/eminem/1695285/>, acessado em 08 de setembro de 2010.

AUTORA

¹ **Sinara de Oliveira BRANCO, Dra.**

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Unidade Acadêmica de Letras/Pós-Graduação em Linguagem e Ensino.

e-mail: sinabranco@gmail.com